

ARTIGOS

ANTÔNIO PEDRO DE FIGUEIREDO, O COUSIN FUSCO (*).

Foi graças ao sr. Gilberto Freyre que travei conhecimento com a obra de Antônio Pedro de Figueiredo. O sociólogo pernambucano, nos seus livros *Nordeste* e *Um engenheiro francês no Brasil*, despertou a atenção dos meios intelectuais para a figura extraordinária desse mulato que

“decerto não foi menos significativo, como revolucionário intelectual do meio escravocrata do Nordeste e como crítico da organização patriarcal então predominante, do que outros mulatos mais festejados: Natividade Saldanha, nos princípios do século XIX, Tobias Barreto nos fins” (1).

Se é verdade que anteriormente Alfredo de Carvalho tratara de Antônio Pedro de Figueiredo, fizera-o simplesmente em um registro sobre a imprensa pernambucana, analisando apenas a sua contribuição como jornalista (2). O autor de *Casa Grande e Senzala* sentiu, porém, antes que ninguém, toda importância do *Cousin Fusco* como analista social e como um dos mais representativos revolucionários intelectuais do seu tempo. E quando há anos atrás iniciava eu pesquisas em jornais e manuscritos sobre as coisas e acontecimentos da Revolução Praieira, uma das primeiras recomendações que me fez o sociólogo Gilberto Freyre, ao consultá-lo a respeito de certos rumos de investigação histórica, foi a de não esquecer o jornalista mestiço, de não desprezar *O Progresso*. E justamente da leitura desta revista nasceu-me uma profunda admiração pela obra e pela vida desse homem tão incompreendido pelos seus contemporâneos e o desejo de que ele não continuasse

“tão na sombra, tão no escuro, tão dentro da alcunha que lhe deram os conterrâneos (sempre tão apedrejadores dos profetas)” (3).

(*) . — Reproduzido, com a devida permissão, da publicação “Secção E — Geografia e História” da Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Universidade do Recife. (Nota da Redação).

(1) . — *Nordeste*, pág. 151.

(2) . — Ver *Anais da Imprensa Periódica de Pernambuco*, págs. 199 e segs.

(3) . — Gilberto Freyre, *Nordeste*, pág. 151.

Diz Pereira da Costa ter Antônio de Figueiredo nascido em Igarassú no dia 22 de maio de 1822 (4): Essa afirmativa não me parece, entretanto, retratar fielmente a verdade. Noticiando o falecimento do mulato socialista afirma o historiógrafo pernambucano que

“a morte o arrebatou à vida da eternidade, aos trinta e sete anos de idade, no dia 21 de agosto de 1859”.

Mas *O Liberal Pernambucano* de 25 de agosto de 1859 anota:

“Obituário das pessoas que foram sepultadas no cemitério público. Dia 22, Antônio Pedro de Figueiredo, pernambucano, 45 anos, solteiro, São José, congestão cerebral”.

A mesma coisa encontramos no *Diário de Pernambuco* de 23 de agosto de 1859:

“Mortalidade do dia 22: Antônio Pedro de Figueiredo, pardo, solteiro, 45 anos; congestão cerebral”.

Se em 1859, data de sua morte, tinha êle 45 anos, conforme atestam os dois jornais acima citados, o seu nascimento não ocorreu em 1822, como declara Pereira da Costa, e sim em 1814.

São obscuras as suas origens. Sabemos quase somente terem sido elas humildes. Falam os jornalecos da época em um pardo Basílio como o seu pai. E' o que diz *O Volcão* de 30 de agosto de 1847:

“... o ridículo *Cousin Fusco*, filho do pardo Bazilio lá de Iguarassú, onde sempre viveo de limpar a estribaria do Pai, e de pescar os seus ciriz”.

Vindo para o Recife procurou o amparo de um amigo que não correspondeu às suas esperanças, expulsando-o de sua casa. João Sinhô, assim se chamava — conforme *O Proletário* de 1 de setembro de 1847 — êsse falso amigo que o desprezou numa ocasião em que Antônio Pedro tanto necessitava de uma ajuda. Mas buscando abrigo junto aos frades do Convento do Carmo lá encontrou acolhimento e amparo material para aprofundar-se nos estudos. Nuns versos mordazes o jornalzinho acima citado, historiando-lhe a vida, diz em relação ao fato:

(4). — *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, pág. 145.

“Não tendo lugar
Onde recolher-se
No Carmo meter-se
Foi por fim de contas:
E poz-se a estudar
Para se formar:
Isto afiançava
A quem lhe falava”.

Afirma Manuel Paulino César Loureiro em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* de 23 de agosto de 1859:

“Antônio Pedro encerrado em uma das cellas daquelle convento, solitário, só tendo por companheiros os livros obtem desta sorte os conhecimentos que em pouco tempo o collocaram na ordem dos primeiros homens de letras desta provincia”.

A sua inclinação para os problemas filosóficos levou-o em 1843 a traduzir o *Curso da História da Filosofia* de Vitor Cousin. Jovem ainda lançava-se no mundo das letras com uma tradução que ia ser saudada entusiasticamente por aquêlê que depois se tornaria um dos seus maiores amigos: Antônio Rangel de Tôrres Bandeira, seu colega de magistério no Ginásio Pernambucano e seu colaborador na publicação do folhetim *A Carteira*. Em artigo do *Diário Novo* de 28 de novembro de 1843 Tôrres Bandeira saúda a estréia literária de Figueiredo, estréia que iria provocar dos seus adversários políticos e dos invejosos do seu valor intelectual aquêlê epíteto que intentava atingi-lo de modo deprimente na sua vaidade de mulato que procurava fugir — tal como no caso de Machado de Assis — da humildade de sua condição social original. Ia ser, de agora em diante, para os seus rancorosos inimigos, o Cousin Fusco. Esse homem tão atacado pelos de seu tempo e tão esquecido pelos pósteros não podia ficar apenas nas crônicas das lutas partidárias dos meados do século passado, amesquinhado pelos seus opositores na rudeza do apelido infamante. Ele precisava ser situado dentro do seu verdadeiro lugar de estudioso dos nossos problemas sociais. Se o sociólogo Gilberto Freyre já o tinha, como tal, revelado ao mundo intelectual brasileiro, impunha-se, todavia, como trabalho de homenagem e de justiça, a reimpressão de sua mais notável obra. E esse trabalho agora se realiza com a nova edição de *O Progresso*. E' como que uma manifestação de reconhecimento e de admiração a um dos vultos mais significativos da geração de um século atrás.

Conta-nos Antônio Pedro de Figueiredo como surgiu na sua mente o plano de organizar uma revista de idéias que destoasse do facciosismo político, das retaliações pessoais e da agressividade de destempêro que imperavam nos jornais da época, época das mais

férteis na imprensa pernambucana, mas fértil também em desaforos e em licenciosidade de linguagem. Causa-nos admiração que, em um dos períodos mais turbulentos da nossa vida política, quando jornalecos e pasquins atroavam aos ares com ameaças e insultos, pudesse Antônio Pedro de Figueiredo fugir a essa atmosfera e manter a sua revista num plano elevado e digno. Assegura-nos êle que nasceu a idéia da publicação de *O Progresso* no mês de abril de 1846. Quatro amigos que são designados pelas quatro letras iniciais do alfabeto passeavam pelas ruas do Recife indo “do Trapiche-Novo para o bairro de Santo Antônio”. Encontraram, quando “iam saindo da praça do Commercio em busca da rua da Cadeia”, um dos empregados públicos pouco antes demittido. Trava-se, entre êles, a seguinte conversa:

“Fizeram muito bem em mandá-lo para casa, afirmou D; sempre o conheci baronista e, no entanto, assim que foi revogada a lei da vitaliciedade, rapou logo a pêra; meu amigo, tornou A; vossê é mui severo para com os mais; quem tem mulher e filhos a dar de comer, pode sacrificar a barba sem deshonra para se conservar no emprego”.

Continua a palestra:

“No meu entender, acrescentou A, todo o nosso mal vem da falta de opinião publica, ou antes do seu somno. Então acorde-a; disse D. E por que não? respondeu B. Como? Perguntou D. Com a imprensa, respondeu B. Até hoje, Pernambuco só há visto gazetas votadas aos interesses de partido, que se barateam insultos às mãos cheias; mas nós podiamos publicar uma que tomasse a peito a causa da humanidade, a do povo que geme, paga e se cala. Muito bem, disse C; ensinemos ao povo os seus direitos e deveres; mostrar-lhe-hemos os seus verdadeiros amigos, — os que curam de melhorar a sua desgraçada condição. Mostraremos a todos esses pretendidos homens de estado que nos governam, que eles ignoram as primeiras noções de economia social”.

Surgiu assim o desejo de dar nascimento a um órgão que fôsse um elemento esclarecedor da opinião pública e não um simples instrumento de paixões políticas exarcebadas, impregnadas dêsse primitivismo que torna as nossas disputas político-partidárias verdadeiras competições armadas. E em julho aparecia *O Progresso* para viver até setembro de 48, nas vésperas, pois, da revolta praieira (5). Não se manifestou somente em *O Progresso*

(5). — Cf. Amaro Quintas — Há um século no dia de hoje aparecia a revista pernambucana, *O Progresso* — in *Diário de Pernambuco* de 12-7-1946.

o valor cultural de Antônio Pedro. Em livros publicados, em traduções feitas, quase tôdas com prefácios seus, como as de Victor Cousin, de George Sand, de Ortolan, em artigos no *Diário de Pernambuco*, onde manteve uma interessante secção sob o pseudônimo de Abdalah-El-Kratif intitulada *A Carteira*, na *Imprensa*, na *Aurora Pernambucana*, em todo êsse acêrvo intelectual achamos o traço marcante da cultura e do idealismo do *Cousin Fusco*. Mas é na sua revista onde encontramos não só uma experiência jornalística única para o seu tempo, como também a condensação dos seus princípios ideológicos. Porque na obra do mulato pernambucano temos que ver duas coisas: o socialista buscando uma solução para os problemas de então em função dos postulados do socialismo dito utópico da primeira metade do século passado e o estudioso objetivo — o idealista orgânico da classificação do sr. Oliveira Viana — preocupado em resolver êsses problemas dentro de um sentido realista, dentro das nossas necessidades. Ou, como disse o sr. Gilberto Freyre, um socialista que procurou adaptar doutrinas “às necessidades da região” (6). Na expansão das idéias socialistas em Pernambuco nos meados do século XIX merece uma especial referência a contribuição do engenheiro Louis Vauthier cuja influência foi grande junto a vários intelectuais pernambucanos, sobretudo junto a Figueiredo, em cuja revista colaborou assiduamente. Afirma-nos o sr. Gilberto Freyre:

“Vauthier contribuiu para que se antecipe no Recife da primeira metade do século XIX o estudo das questões econômicas e sociais brasileiras, dentro do critério socialista... Vauthier concorre para a irradiação das idéias socialistas francesas nesta parte da província. Empresta livros. Indica autores. Assina gazetas. Consegue assinantes para revistas francesas” (7).

Muito deve ter recebido Figueiredo da influência dêsse engenheiro de orientação socialista

“já com tendências ao socialismo científico — que o outro, o simplesmente ideológico, ou parafilosófico, não podia satisfazer uma inteligência crítica como a sua, nem um senso de realidade da agudeza do seu” (8),

e com especialidade a preocupação de estudar, de modo original, as soluções para os nossos problemas em função de nossas condições. Tudo isso, porém, sem a nossa clássica demagogia, sem discursos cheios de eloquência barata — é interessante a leitura

(6). — *Nordeste*, pág. 152.

(7). — *Um Engenheiro Francês no Brasil*, págs. 147 e 148.

(8). — Gilberto Freyre, *ob. cit.*, pág. 212.

de alguns de seus discursos políticos publicados em *O Lidador* — e sem os doestos e grosserias de uma politicagem de campanário. Chama-nos de fato a atenção a formação ideológica de Figueiredo um tanto afastada de preocupações exclusiva e puramente românticas e utópicas dos corifeus socialistas dos começos do século passado. Sente-se o seu avanço em frente a êles. Sente-se a atualidade de sua orientação e de seus princípios. E foi justamente por isso que o sr. Aníbal Fernandes disse em relação a *O Progresso* que

“lendo-se as suas páginas tem-se a impressão de estar compulsando o programa de um contemporâneo nosso da Esquerda Democrática” (9).

A atitude de Antônio Pedro de Figueiredo em face do socialismo é um assunto que precisa ser analisado e fixado. Não obstante a sua posição de evidente avanço em confrônto com os líderes socialistas de tendência utópica de então, avanço que o situa quase no chamado socialismo científico, nota-se, porém, de sua parte o influxo das idéias cristãs, talvez daquelas idéias de que se deixou encher totalmente quando de sua estada no Convento do Carmo. Definiu de modo seguro o *Cousin Fusco* a sua concepção política e social ao travar uma célebre discussão com o Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, professor da Faculdade de Direito de Olinda. Começou a disputa por causa de um artigo de Autran, publicado em *A União* de 31 de julho de 1852, respondendo a umas alusões feitas por Moraes Sarmiento, em discurso na Assembléia Geral, a pretensas idéias socialistas por êle esposadas. Diante da afirmativa do professor de Olinda de que “o socialismo cifra-se na comunhão das mulheres e dos bens” entrou Antônio Pedro de Figueiredo na liça, rebatendo o ponto de vista de Autran. Inicia-se a refrega. Autran lança suas baterias em *A União* e Figueiredo responde-lhe a princípio no *Diário de Pernambuco* e depois em *A Imprensa*. Parece que o jornal de Figuerôa não simpatizou com o tema da discussão, pois o *Cousin Fusco* foi obrigado a bater noutra porta. E' pelo menos o que nos diz êle em *A Imprensa* de 6 de setembro de 1852:

“Pelo *Diário de Pernambuco* me havia eu comprometido a defender o socialismo da acusação, que o Sr. Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque lhe fizera de cifrar-se elle na comunhão dos bens e das mulheres. Para êste fim publiquei no mesmo *Diário* uma correspondência, e no dia 24 do corrente outra sôbre o mesmo assunto. Entretanto, como o proprietário da dita gazeta, além de ter

(9). — Coisas da Cidade — O Centenário d'O Progresso, in *Diário de Pernambuco* de 12 de julho de 1946.

exigido que eu fizesse na primeira correspondencia certas modificações, a que me sujeitei, exige agora, para publicar a segunda, mudanças taes, que tirarião toda a força á minha argumentação, rogo a VV. SS. o obsequio de admitir nas colunas da sua gazeta a dita correspondencia, a qual tambem será a ultima, que a tal respeito publicarei”.

O espirito conservador do velho órgão pernambucano se arreceava do perigo de divagações sôbre assuntos que Jean Cassou chamaria “des choses secrètes e maudites”.

Replicando a Autran assegura Figueiredo:

“esta aspiração (o socialismo) tende a reformar o estado social em prol do melhoramento moral e material de todos os membros da sociedade. Para êste fim cada eschola socialista offerece meios differentes, mas não há uma sequer cujas intenções deixem de ser puras e generosas, cujo ideal não seja a realização na terra dos principios de liberdade e fraternidade” (10).

Pouco depois acrescenta:

“A formula geral da eschola socialista a que pertenco, é a realização do principio christão de liberdade, igualdade e fraternidade, effectuada sem violência, e por meio de medidas appropriadas ás necessidades dos diversos paizes” (11).

E justificando o seu conceito cristão do problema social enumera os argumentos dos grandes doutores da Igreja, todos contrários à exploração do homem pelo homem. Começa com São Clemente:

“O uso de todas as cousas que estão neste mundo deve ser commum a todos os homens. A iniquidade foi que permitio que um disesse: isto é meu; e outro: isto me pertence. Deste facto proveio a discordia entre os mor taes” (Os grifos são de Figueiredo).

Vem depois com Santo Ambrósio:

“A natureza ministrou em comum todos os bens a todos os homens. Com efeito, Deos creou todas as cousas afim de que o gozo dellas fosse comum a todos, e a terra se tornasse a posse commum de todos. Assim a natureza gerou o direito de communidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade”.

(10). — *Diário de Pernambuco* de 12 de agosto de 1852.

(11). — *A Imprensa* de 6 de setembro de 1852.

Em seguida cita as palavras incisivas de São Gregório:

“Saibão que a terra de que elles forão tirados é commum a todos os homens, e que por isso os frutos que ella produz pertence (sic) a todos indistintamente” (12).

Não me parece ter sido o socialismo de Figueiredo uma attitude puramente lírica e contemplativa. A sua rebeldia contra os excessos do latifúndio e a sua indisfarçada aversão pelo direito de propriedade — as citações dos padres da Igreja primitiva são significativas — colocam-no como uma líndima expressão de revolucionário intelectual. Até mesmo os princípios básicos da Revolução Francesa, que o *Cousin Fusco* enalteceu na sua discussão com Autran, vão ser ardorosamente criticados nas páginas de *O Progresso*, quando considera êle primordial o direito de viver,

“sem o qual a *liberdade*, a *igualdade* e a *fraternidade*, não são senão audaciosas mentiras empregadas por alguns para disfarçar a dependência e deprecação indirecta que exercem sobre o resto da humanidade. De fato, que papel podem representar a *igualdade*, a *fraternidade* e a *liberdade* nas nossas sociedades modernas? Que he a Igualdade onde pequeno numero de privilegiados gasta na ociosidade o produto do trabalho de muitos milhares de seus irmãos? Que he a Fraternidade num gremio social que deificou o egoismo sob todas as formas, e escreveu na sua bandeira esta immoral divisa: *Chacun pour soi; chacun chez soi*? Que he que pode significar o vocábulo *Liberdade* numa sociedade em que as massas dependem de um pequeno numero de homens que, de fato, exercem sobre ellas um direito de vida e de morte, por mercê do capital!

Até hoje a grande formula humanitária, proclamada pelos legisladores de 1791, não ha sido senão uma mentira odiosa”.

E contra essas idéias, tão assustadoras e radicais, é que o *Liberal Pernambucano* de 5 de janeiro de 1857 alertava os “bien-pensants” de seu tempo:

“o Sr. Antônio Pedro de Figueiredo, outro redactor do Sr. Figueirôa, e que é professor de lingua nacional no Gymnasio. Este moço, que não teve os primeiros estudos bem regularizados, não escreve mal; pormém está longe de satisfazer as necessidades do *Diario de Pernambuco*. Suas opiniões manifestadas são republicanas e socialistas; elle aborrece o meio social em que vive e julga de toda a necessidade uma reforma radical na sociedade que acabe de todo com a propriedade, com a religião, com

(12). — Figueiredo enumera êsses trechos dos padres da Igreja em *A Imprensa*, número citado.

as formas de governo conhecidas. Tudo o que existe é a seu olhos *prejuizo*, e cumpriria armar-se de picareta para derrubar o edificio social desde a cupula até os alicerces. Faça-se idéia do modo porque elle, a custa do que percebe mensalmente do Sr. Figueirôa, há de levar as cousas. Inteiramente sceptico a respeito das cousas e dos homens, elle lança no papel o elogio ou o sarcasmo com igual indiferença e só para satisfazer ao *interesse* do proprietário, em quanto vai dahi tirando argumento para fortalecer o seu ideal. Louvar o Sr. *José Bento* e censurar o *Liberal Pernambucano* é a seus olhos uma consequencia muito natural desse absurdo social no meio do qual vivemos. O que quer dizer o Sr. Figueirôa pagar ao Sr. Figueiredo para arranjar um artigo bem accommodado aos interesses de sua empreza, senão um esgarro que o Sr. Figueiredo atira á face dessa propriedade que é a seus olhos o reinado da matéria contra a intelligencia, predominando na balança social e humanitaria? Dest'arte o *Diario de Pernambuco* nas mãos do Sr. Figueiredo é uma grande alavanca com a qual, elle de accordo com todos os socialistas do mundo pretende revolver de *fond en comble* a sociedade pernambucana. E o mais é que está em seu direito; paga-se por meio dessa tyrannia da tyrannia que sobre elle exerce o capital do Sr. Figueirôa. Tollo é o Sr. Figueirôa que não vê a derrota que lhe está proxima; tollos são os assignantes do *Diario* que, olhando para isso como boi para palacio, pagão e sustentão a machina infernal que sorateiramente lhes prepara nada menos que uma tremenda revolução social. O sr. Figueiredo deve ver na *Monarchia representativa* o seu maior inimigo, o seu mais terrível adversário; abale-a de qualquer modo e esteja certo que ha de produzir o chãos donde sahirá nova ordem de cousas, talvez mais consentânea com os seus desejos e com as suas aspirações. Cremos que Pernambuco é o unico lugar do globo, onde o *Socialismo* tem um representante official”.

Quais os teóricos da doutrina socialista que mais influíram no pensamento de Figueiredo? Alfredo de Carvalho diz que êle

“abraçava com entusiasmo as doutrinas de Teodoro Jouffroy, às quais soubera dar um cunho individual modificando-as em parte ao influxo das teorias económicas de Saint-Simon, Owen e Fourier, creando assim uma orientação propria e original, fruto notabilissimo da evolução dum espirito naquela época e no nosso acanhado meio provinciano” (13).

Há em verdade na obra de Figueiredo alusões constantes ao criador dos falanstérios. Num arroubo de entusiasmo êle chega a saudá-lo em *O Progresso* como “o maior gênio do século”. Era assi-

(13). — *Anais da Imprensa Periódica Pernambucana*, pág. 199.

nante do *Socialista*, de *Phalange* e de *Democratie*, conforme se pode ver no *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier* e nas próprias páginas de *O Progresso*. No nosso velho burgo era grande a difusão de livros dos líderes socialistas de então, principalmente os de Fourier ou relacionados com a sua doutrina. Na época eram êsses livros encontrados, por módico preço, nas casas de Manuel Figueirôa de Farias e de Coutinho. Intensa divulgação tinham os *Defense du Fourierisme, Exposition Abrégée du Système de Fourier e Les Enfants au Phalanstère*. Parece-me, entretanto, não conciliar-se com a tendência política de Figueiredo, com a sua visão do papel do Estado na vida econômica, o anti-estatismo ostensivo de Fourier. Como afirma Bouglé, Fourier

“ne concoit pas, comme les Saint-Simoniens, un État héritier universel et universel régulateur du Travail” (14).

Acrescenta por sua vez Daniel Villey:

“Fourier n’attend rien du Pouvoir. Il multiplie en revanche les appels à un éventuel Mécène, qui veuille bien financer le premier phalanstère” (15).

Declara também Roger Garaudy:

“Il (Fourier) a une telle horreur de l’Etat et de l’ordre social imposé par l’épée qu’il confond dans une même haine la dictature populaire jacobine et l’empire napoléonien” (16).

Em Figueiredo nota-se, ao contrário, um constante apêlo ao intervencionismo estatal, a uma interferência direta do Estado nos fenômenos econômicos. Referindo-se, em *O Progresso*, às jornadas de junho de 1848 na França, declara o *Cousin Fusco* em 28 de agosto do mesmo ano:

“...o que pretendiam os revolucionários de junho; o que nós também pretendemos é que o governo, como representante da sociedade inteira, intervenha nos fenômenos da produção, distribuição e consumo, para regulá-los e substituir pouco e pouco uma ordem fraternal ao desgraçado estado de guerra que ora reina nestas importantes manifestações da actividade humana; os nossos votos hão de ser realizados”.

(14). — *Socialisme Français*, pág. 120.

(15). — *Petite Histoire des Grandes Doctrines Economiques*, pág. 110.

(16). — *Les Sources Françaises du Socialisme Scientifique*, pág. 207. Cf. Elie Halévy, *Histoire du Socialisme Européen*, pág. 64.

Nem se pode admitir, também, que impressionasse de modo incisivo a um espírito objetivo e avançado socialmente para o seu tempo, como o de Figueiredo — basta olharmos em *O Progresso* para a sua compreensão realística dos nossos problemas e das suas soluções — o utopismo meio impregnado de misticismo dos saint-simonianos e as divagações extravagantes dos fourieristas que anunciavam vir a ser o mundo futuro, organizado nos moldes do falanstério, uma espécie de paraíso terreal onde

“Les déserts seraient fertilisés, l'eau des mers deviendrait et aurait un goût violette, un éternel printemps régnerait sur la terre adaptée aux besoins de l'homme” (17).

Mundo êsse que estaria muito em função dos desejos e das alegrias de Fourier, segundo nos informa Roger Garaudy:

“il (Fourier) est friand de sucreries, le blocus continental l'en a privé, dans la cuisine future du phalanstère, le sucre jouera un rôle prépondérant! La horreur des courants d'air: la cité future sera bâtie de manière à las rendre impossibles” (18).

Aproxima-se antes Figueiredo do socialismo cristão de Buchez ou da tendência romântica — tendência essa que não prejudica seu objetivismo em relação ao estudo de nossa situação social — de Pierre Leroux e de seus discípulos.

Talvez a influência de Buchez se tenha feito sentir na sua tentativa de conciliação entre o cristianismo e a doutrina socialista, especialmente depois que Buchez rompeu com os saint-simonianos, quando *Enfantin* e *Bazard* foram proclamados “Pais Supremos” (19). Não é de desprezar a hipótese de uma possível contribuição de *Lammennais* e de *Lacordaire* na obra de Figueiredo. Em relação ao autor das *Paroles d'un Croyant* destacou *Aprígio de Guimarães* o quanto êle influiu no pensamento de outro teórico pernambucano do socialismo, vulto romântico até na sua vida inquieta e cheia de aventuras que lembra uma biografia romanceada à maneira dos *Zweig* e dos *Maurois* — o general *Abreu e Lima* (20). Parece, entretanto, mais ponderável a repercussão das idéias de *Pierre Leroux* na doutrina desenvolvida por Figueiredo. Ambos partem de um socialismo onde há muito de espírito religioso e de sentimentalismo romântico, embora êsse sentimentalismo não anulasse de todo o senso da realidade no mulato pernambucano quando êle se

(17). — *Élie Halévy, Histoire du Socialisme Européen*, pág. 66.

(18). — *Ob. cit.*, pág. 107.

(19). — Ver *Armand Cuvillier, J. P. B. Buchez et les origines du socialisme chrétien*.

(20). — Sobre o assunto ver a nota da pág. 50 do drama *Nunes Machado* de *Aprígio Guimarães*.

voltava para a investigação de problemas locais. E' significativa a atitude dos dois de franca hostilidade ao capitalismo — que ambos chamavam de capital (21) — e à propriedade territorial. “O capital defrauda desapiedadamente o trabalho” dizia Figueiredo parecendo repetir as mesmas invectivas do socialista francês. E quando o jornalista de *O Progresso* se levantava contra os grandes proprietários pernambucanos acusando o latifúndio da responsabilidade do intenso desajustamento social reinante na província, lembrava a condenação de Leroux: “la classe propriétaire... voilà l'ennemi!” (22). Não é demais acentuar que uma das traduções feitas por Figueiredo foi a do romance de George Sand *As Sete Cordas da Lira*, tradução saudada encomiasticamente por um crítico do *Diário de Pernambuco* de 8 de maio de 1847

“pois a parada mais restricta exatidão quanto ao pensamento tem um merito de linguagem que não podemos desconhecer”.

A preferência pela escritora francesa é algum tanto sintomática, pois sabe-se da grande influência exercida por Pierre Leroux sobre George Sand que foi mesmo considerado o seu “diretor de consciência” (23).

Um aspecto interessante, por mim já focalizado acima, é que embora ideologicamente filiado ao socialismo romântico da primeira metade do século passado, socialismo que moldou o espírito “quarante-huitard” e provocou a revolução de 1848 na França, Antônio Pedro de Figueiredo ultrapassa a tendência utópica de seus contemporâneos e aproxima-se, em muitos pontos, do chamado socialismo científico. O senso de objetividade de que era dotado fazia com que não lhe bastassem as “Novas Icárias” dos Cabet ou as divagações dos *Enfantin*. Nas páginas de *O Progresso* encontramos constantemente soluções práticas para os problemas sociais de Pernambuco. Anunciando o aparecimento de sua revista diz Figueiredo, no *Diário de Pernambuco* de 23 de maio de 1846, em artigo por êle assinado:

“...entre essa ruma de periodicos que as rapidas variações da athmosphera politica fazem cahir em ondas sobre as nossas cabeças, não existe um só, que, estranho ás paixões pessoas e ás emoções do dia, possa servir de asylo ao livre pensamento e ás considerações serenas

(21). — “Il (Leroux) disait, comme Marx, le capital” — David Owen Evans, *Le Socialisme Romantique*, pág. 80.

(22). — Pierre Leroux, *De la Philosophie et du Christianisme*, apud David Owen Evans, *ob. cit.*, pág. 37.

(23). — Ver Jean Larnac, *George Sand Revolutionnaire*, pág. 19. Ver também Edith Thomas, *Les Femmes en 1848*, pág. 38 e André Gobert, *Le Féminisme Français en 1848*, in *1848 Revolution Créatrice*, pág. 163.

da philosophia e da sciencia! Ajudado, pois, de alguns amigos penetrados das mesmas idéias, possuidos dos mesmos sentimentos e guiados pelas mesmas aspirações, que nós vimos hoje encher essa lacuna, fundando nesta cidade uma publicação mensal cujo titulo assaz indica o alvo, a que tendemos.

Convencido da inanição da politica acanhada e rancorosa dos partidos, e tambem de que só no estudo das questões sociaes he que devemos procurar as condições do nosso desenvolvimento; vendo, pela experiência dos factos consummados, quão grave erro commetemos todos os dias ao copiar servilmente a Europa, em vez de procurarmos o processo, com que devemos applicar ao nosso paiz os dados das sciencias sociaes, queremos lançar, no meio da incoherencia actual, segundo o permitirem as nossas forças, alguns principios exactos, e germens de um futuro generoso”.

E é justamente essa preocupação de não “copiar servilmente a Europa” e de “applicar ao nosso paiz os dados das sciencias sociaes” que palpita constantemente na sua revista onde até o titulo “assaz indica o alvo”. Ora defende o *Cousin Fusco* uma nova organização administrativa para Pernambuco baseada em 3 círculos: o do Capibaribe, com sede em Limoeiro, o do Una, com sede em Bonito e o do São Francisco, com sede em Flores, sendo cada um dêles administrado por um deputado provincial. Ora advoga a necessidade dos conhecimentos agrônômicos para os jovens brasileiros, conforme expressamente declara:

“...preferiramos que se ensinasse a estes meninos theorica e praticamente da sciencia de que temos mais necessidades a agricultura”.

Em outra ocasião discorre realisticamente, num artigo suggestivo intitulado “Colonização do Brasil”, sôbre a questão, já então debatida, da vinda de colonos estrangeiros para o nosso país e, antepondo-se a Alberto Tôrres, fala numa “colonização interna que deve preceder à colonização externa”. E’ tal a sua preocupação em analisar com critério objetivo a nossa realidade que, embora politicamente ligado aos guabirús, justifica o ódio estimulado pela Praia aos estrangeiros, achando justa e razoável uma lei “que tornasse o comércio a retalho privativo dos nacionais” (24). Propugna para a província uma divisão em regiões naturais:

(24). — Essa aversão ao estrangeiro que foi traço marcante na agitação intensa manifestada em Pernambuco no período pré-revolucionário da Fraieira e que nos trouxe os *Mata-matas marinheiros de dezembro de 1847 e junho de 1848*, parece ter sido um fenômeno generalizado e de acôrdo com as reivindicações sociaes de então, porque o vamos encontrar também na França. E’ o que nos declara André Becheyras: “. . . il (o espírito revolucionário da época) entendait chasser de France les étrangers qui venaient y chercher du travail. Ce na-

“a primeira, occupada pelo fabrico do assucar, estende-se da beira-mar até 15 ou 18 léguas para o interior. A segunda, estende-se até os extremos limites das bacias do Capibaribe, do Ipojuca e do Una. A terceira, enfim, comprehende os afluentes do S. Francisco”.

Focaliza a importância econômica da primeira em detrimento das demais que não apresentam, em vista das dificuldades de comunicações, igual relevância. Toda a sua atenção concentra-se, assim, naquela região onde impera a monocultura açucareira, intentando apresentar soluções para o nosso problema rural tão angustiante em virtude do predomínio do latifúndio. Não tergiversa em denunciar a grande propriedade como a responsável por todo o desequilíbrio social reinante na província, e daí a sua invectiva de ser o despotismo representado “na pessoa da grande propriedade territorial”. São inúmeros os projetos de lei apresentados por Figueiredo visando despertar o interesse da opinião pública e, com especialidade, dos deputados da província para temas sociais pernambucanos: sobre impósto territorial, sobre proteção das águas em vista das cheias, sobre taxas incidindo em rendimentos, sobre um Banco Popular que ajudasse as classes menos favorecidas e acabasse com a agiotagem. Comentando a ascensão do gabinete de 2 de maio de 1846, presidido por Marcelino de Brito, e especialmente a “Fala do Trono”, diz o jornalista de *A Carteira*:

“mas nem uma só palavra a respeito das grandes medidas financeiras e economicas que se devem estudar, acerca do commercio de cabotagem, das vias de comunicação terrestres e fluviaes, proprias a facilitar a produção e a distribuição das riquezas no interior do paiz; a respeito de tudo isso, nem uma só palavra; nem uma só palavra acerca dos meios a empregar para impedir que a seca volte ás provincias do Norte, arruinados pela destruição das matas, nem uma só palavra a respeito das reformas necessarias para manter a realidade do systema representativo; nem uma só palavra enfim a respeito de tudo o que constitue os interesses vitaes do paiz”.

Nesses mesmos comentários tece êle, ainda, considerações sobre os meios de comunicação, sistema de impostos, instrução pública e sobretudo sobre a seca, sugerindo até o envio de uma comissão de sábios e de engenheiros para estudar a questão. Volta-se também, no mesmo local, para o problema da extinção do tráfico de negros, para assuntos relacionados com a agricultura e a

tionalisme économique s'est parfois porté fort loin. A Lyon les prolétaires jetaient à l'eau les Savoyards et exigeaient l'expulsion non seulement des Piémontais, mais aussi des Auvergnats" (*Lamartine au pouvoir*, in *L'esprit de 1848*, pág. 76).

indústria e defende o ponto de vista de, ao organizar-se o orçamento nacional, os poderes públicos não regatearem despesas com obras produtivas, muito embora essas despesas momentaneamente superem a receita.

E', em verdade, Antônio Pedro de Figueiredo o espírito representativo de sua época. Se há no seu socialismo fulgurações que o projetam além das tendências meramente utópicas de seus contemporâneos, imprimindo-lhe um caráter quase científico, não se pode desprender o *Cousin Fusco* do sentido romântico, às vezes mesmo lírico, dos homens da geração que fêz a Revolução de fevereiro de 48. A objetividade de Figueiredo em estudar os nossos problemas sociais não anulou por completo a sua identificação com o socialismo romântico da primeira metade do século passado. Se na percepção dos fenômenos sociais êle se avantajou ao seu tempo, não fugiu, entretanto, o mulato pernambucano ao aspecto de lírica fraternidade, de compreensão generosa da vida política que caracteriza tôda a beleza e tôda a magnitude do espírito "quarante-huitard". Porque inegavelmente ninguém melhor viveu êsse espírito em Pernambuco dos meados do século XIX que Figueiredo. A mentalidade "quarante-huitard" marca um dos pontos mais belos e mais altos da evolução histórica da humanidade.

"Le credo quarante-huitard — afirma Jean-Albert Bédé — fut l'apanage d'une petite phalange de romantiques, temporairement projetée au pouvoir et qui, en face de la marée montante des appétits et des intérêts, osa affirmer la double primauté des idées morales et des aspirations du coeur" (25).

Pecava mesmo essa falange — e aí temos, certamente, uma das causas da derrota de sua revolução — por excesso de idealismo e de generosidade, sentimentos êsses que encontramos também no movimento praieiro manifestando-se na maioria de seus líderes que foram os nossos "quarante-huitards". Diz Georges Lefebvre:

"Pour les hommes de 1848, l'effusion sentimentale, la bonne volonté superficielle, l'émotion oratoire emportaient tout. La fraternité devait résoudre les difficultés sociales: les pauvres ne menaceront pas la propriété de leurs frères, disait-on, et les riches leur dispenseront leur superflu. Nul ne songe à contester que la fraternité restera la soeur de la justice sociale, puisque celle-ci n'éliminera pas l'amertume qu'engendre l'inégalité naturelle ni ne consolera les douleurs que l'existence inflige à la majorité des humains. Mais la fraternité n'est pas la justice, prête à

(25). — "Centenaire des "Quarante-Huitards" in *La République Française*, revue trimestrielle de l'idéologie républicaine et démocratique, vol. V, n. 1, pág. 8.

l'équivoque et laisse ainsi la porte ouverte au conflit: les riches la confondront avec la charité, qui dépend de leur bon vouloir, contribue à leur salut futur et laisse intacte leur autorité; les classes populaires s'en prévalurent pour se constituer un droit. Elle ne devient concrète qu'à la condition d'inspirer l'organisation juridique de la sécurité sociale. La génération de 1848, imbue de méthaphysique nébuleuse, enivrée de lyrisme oratoire, croyait agir quand elle parlait. L'esprit du rationalisme positif lui manquait. Comme Seignobos le remarque, sa révolution fut une crise de romantisme politique" (26).

Em Antônio Pedro de Figueiredo esse idealismo utópico era superado por forte dose de idealismo orgânico que, entretanto, não matava aquelas "vertus chevaleresques et héroïques" características essenciais da geração de 48 (27). A sua afinidade com os homens da Revolução de fevereiro e das barricadas de junho manifesta-se a todo o instante em *O Progresso*. A sua solidariedade aos revolucionários de junho define-o bem como um autêntico "quarante-huitard" conforme se vê no seu artigo datado de 28 de agosto de 1848:

"...e aquellas que haviam feito a revolução de fevereiro — os mancebos das escolas, socialistas e operarios, tornaram a empenhar as armas e fizeram a revolução de junho. Foram batidos é verdade, mas cedo ou tarde, a victoria caberá ás idéias que elles defendem. O mundo não será para sempre o patrimonio de alguns privilegiados; ao passo que a imprensa maioria se estorce sob as angustias da miseria. As maximas selvagens dos Malthus e J. B. Say já reinaram; é tempo de cederem o lugar a outras maximas mais justas e generosas".

Citamos em páginas anteriores outro trecho de Figueiredo onde êle advoga a necessidade da interferência estatal na economia, chegando a afirmar ser isso o que "pretendiam os revolucionários de junho; o que nós também pretendemos" e que "os nossos votos serão realizados". Prefaciando a tradução que fêz do livro de Ortolan *Da soberania do povo e dos princípios do govêrno republicano moderno* (Livraria do bacharel B. Coutinho, Esquina do Colégio, Pernambuco, 1848), declara ainda o *Cousin Fusco* numa reafirmação de mentalidade "quarante-huitard":

"O desmoronamento do throno de Luiz Philippe, e a proclamação da republica franceza em 24 de fevereiro do corrente anno, não foram mais que a traducção exterior

(26). — "A propos d'un centenaire" in *Revue Historique* n. de julho-setembro de 1948, pág. 14.

(27). — Jean Cassou, *Le Quarante-Huitard*, pág. 15.

de uma revolução interna, já effectuada nas idéas pelos esforços das diversas escolas socialistas, e pela amarga experiência dos vícios inherentes á organização social das nações modernas, revelados de um modo palpavel pelos trinta anos de paz geral. A supremacia do interesse geral sobre o interesse particular, o direito de viver, e a intervenção do Estado no commercio e na industria; ou a substituição da associação ao estado de guerra nos phenomenos economicos, eram factos de ha muito reconhecidos e reclamados pelos espiritos mais inteligentes da época, antes que o governo provisorio os atirasse da varanda do Hotel de Ville, como o programma da nova ordem de cousas”.

A Revolução de 48 que, no dizer de Henri Guillermin, foi

“le premier effort á tâtons, balbutiant et sourd, du peuple vers la justice” (28),

representou para Figueiredo a vitória de suas idéas de revolucionário intelectual e uma esperança de os seus feitos provocarem no Brasil, principalmente em Pernambuco agrário e escravocrata, a possibilidade de amplas reformas que o mulato idealista vinha defendendo com ardor e entusiasmo nos jornais, nos discursos e na revista *O Progresso*. Idéias de reformas que êle manteve até o fim de seus dias e que a vitória da reacção em 49 não conseguiu abater. Ainda em 1855 mostrava como era a liberdade política uma burla enquanto os trabalhadores rurais estivessem escravizados economicamente aos senhores de engenho, talvez repetindo, em parte, o pensamento de Lacordaire de que

“entre le fort et le faible c'est la liberté qui opprime et c'est la loi qui affranchit”.

M. P. de Moraes Pinheiro, em artigo para o *Diário de Pernambuco* de 31 de janeiro de 1855, confessa:

“O Sr. Antônio Pedro de Figueiredo, digno lente da cadeira da lingua nacional do lyceu desta cidade, (em um dos ns. do *Diário* deste anno passado) publicando um bem pensado artigo sobre eleições, concluiu dizendo — Que sem o aforamento ou venda dos terrenos que beirassem as estradas geraes, e um quarto de legua das povoações não se conseguiria jamais a liberdade da urna. — Quando lemos o bem elaborado artigo do Sr. Pedro de Figueiredo, (não obstante termos muitos parentes e amigos proprietarios agricolas) reconhecemos que assistia toda razão a aquelle que á despeito dos prejuizos dos camponezes, levasse ao conhecimento do paiz uma das cousas que lhe

(28). — Henri Guillermin, *La tragédie de quarant-huit*, pág. 386.

empecia o progresso e liberdade, e aos legisladores uma idéia digna de meditação. Hoje que temos ocasião, unimos a nossa á voz do Sr. Figueiredo, para que realize tão util melhoramento”.

Vozes que se uniam à do *Cousin Fusco*, em muitas ocasiões vozes de adversários políticos ou de elementos, como êsse Moraes Pinheiro, ligados a interesses de potentados rurais, é que vão testemunhar a influência que êle exerceu no sentimento revolucionário de Pernambuco dos meados do século XIX, nesse Recife romântico, de ruelas tortuosas e de sobrados altos e delgados, onde homens impregnados do sentimento “quarante-huitard” escreveram, com sangue e com o sacrificio de suas vidas, a história de uma das nossas revoluções mais idealistas e mais empolgantes — o nosso movimento de 48. E’ com profunda simpatia humana que devemos olhar para a vida e para a obra dêses mestiço extraordinário que, nem sempre compreendido e quase sempre desajudado pelos seus contemporâneos, sofrendo críticas mordazes e injustas, vivendo num meio às vêzes hostil, soube, entretanto, fugir como poucos às realizações pessoais, à politicagem sórdida de aldeia, à demagogia vazia e estéril, à retórica balofa muito comum aos nossos políticos. Êsse homem que viveu e sofreu no nosso velho burgo tão cheio de uma tradição de rebeldia e de altivez, tão agitado pelas reivindicações libertárias que tumultuaram no Pernambuco da primeira metade do século XIX, apresenta-se aos nossos olhos como um belo exemplo de intellectual que não fugiu à sua missão, que pôs a sua inteligência e o seu idealismo a serviço das grandes causas da humanidade. Vibrou, sem tergiversões, sem capitulações, sem esmorecimentos, em defesa dos interesses da coletividade com intensa compreensão humana dos nossos problemas. “Clerc” que não traiu, jamais incidiria sôbre a sua pessoa o anátema causticante de Mac Lisher. E dêle, que foi um autêntico representante da geração de 48, poderíamos dizer aquilo que André Becheyras disse do espírito “quarante-huitard” em geral:

“Quarante-huitard est un mot qu’on prononce rarement sans s’attendrir. Il évoque des êtres dont on peut sourire, mais que l’on ne peut se refuser à aimer, dont les défauts de l’esprit sont charmants et dont le coeur recé-
lait des trésors de generosité” (29).

AMARO QUINTAS

da Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Universidade do Recife.

(29). — *L’esprit de 1848*, pág. 75.